



Kátia em sua mesa de trabalho na Polícia Rodoviária

novo pra gente, meninas muito jovens vindas do interior. Depois de três anos no regime de internato indo para casa somente aos finais de semana, nós nos formamos aspirantes. De 166 no total, eram 160 homens e 16 mulheres que se formaram na minha turma. Das dezesseis que se formaram, 11 seguiram carreira e cinco acabaram saindo da polícia e seguindo outras carreiras. Das onze, duas são coronéis, sendo que uma chefia parte da zona Leste da capital e a outra é comandante do Policiamento Ambiental do Estado”, resumiu a comandante.

INÍCIO DA CARREIRA

Logo depois de se formar em 1993, Kátia iniciou seu trabalho como comandante de policiamento nas ruas da capital paulista, trabalhando no Batalhão de Policiamento Feminino - que era especializado no atendimento de mulheres, crianças e idosos -, onde permaneceu até o ano 2000, quando o referido batalhão foi extinto. Daí, já ocupando o cargo de Tenente, foi transferida para o 12º BPM-M na região do Aeroporto de Congonhas, onde ficou até 2002. “Meu filho nasceu em 1999, eu pretendia voltar para o interior, já pensando na segurança dele. Foi quando eu consegui a transferência para o 12º BPM-I na minha cidade natal, Botucatu. Mas como as promoções foram chegando, logo tive que passar a trabalhar nas regiões de Piracicaba e Bauru, mas sempre mantendo minha casa em Botucatu. Em Piracicaba,

trabalhei como comandante da Força Patrulha no policiamento de área, também no comando de Força Tática e na Comunicação Social, onde aprendi a ver a instituição com outros olhos. Depois, quando cheguei ao cargo de Major, passei também pelo Comando de Choque em São Paulo, onde aprendi muito. Eu tenho muito orgulho de ter feito parte do Choque”, relembra Kátia.

VOLTA PARA O INTERIOR

Como o sentimento da policial era de voltar para o interior, acabou sendo convidada para ir para a Polícia Rodoviária na cidade de Sorocaba. “As mudanças sempre são bem-vindas e encarei com bons olhos essas mudanças na minha carreira que me fortaleceram como policial e como pessoa. Creio muito em Deus e creio que onde estamos temos uma missão. No policiamento rodoviário o trabalho do policial é mais de fiscalização, visando a redução de acidentes no trânsito com campanhas específicas sobre o uso de cinto de segurança, o consumo de bebidas por condutores de veículos e a utilização da cadeirinha para as crianças. O nosso contato com o usuário das rodovias é diferente do público atendido pelo policial da cidade. Na estrada são prestados vários serviços para os usuários que vão desde trocar um pneu furado até o combate de ilícitos. Mas a nossa função maior é a de educar os condutores para uma utilização melhor das rodovias com o máximo de segurança

e respeitando as leis. O principal para nós é a redução de vítimas no trânsito e não a função de punir”, esclarece.

GRANDE DESAFIO

Em 2017, Kátia voltou para sua cidade natal, onde passou a comandar o 12º BPM-I. “Foi um grande desafio e um grande orgulho para mim, poder comandar o batalhão da minha cidade natal, onde eu conhecia todo mundo, os problemas da cidade e os policiais”, comemora.

POLÍCIA RODOVIÁRIA

Em setembro de 2019 a Tenente Coronel Kátia assumiu o 3º Batalhão de Polícia Rodoviária, em Araraquara, com a missão de comandar mais de 600 policiais distribuídos por 196 municípios da região Noroeste do Estado de São Paulo, numa área compreendida de Rio Claro até a divisa com o Estado do Mato Grosso.

“Quero lembrar que a Polícia Militar do Estado de São Paulo foi a primeira instituição militar do Brasil a admitir mulheres em seus quadros, em 1955. Na época, entraram 13 mulheres que são consideradas as 13 mais corajosas do Estado. Daí em diante, a história da mulher só cresceu na PM de São Paulo que tem hoje cerca de 13 mil mulheres que ocupam todos os postos, funções e, concorrem em pé de igualdade com os homens que possuem os mesmos treinamentos, utilizam os mesmos armamentos e equipamentos, entre outras coisas”, lembra.

FORÇA DA MULHER

Para concluir, a comandante destaca que a mulher é capaz de tudo que tenha vontade de fazer. “A gente enquanto mulher é capaz de tudo, desde que busquemos conquistar nossos sonhos. Tenho muito orgulho da minha farda que visto com unhas e dentes”, concluiu.



Na história da Polícia Militar Rodoviária em Araraquara a primeira mulher a ocupar um posto de comandante



■ PODER DAS MULHERES

Primeira mulher a comandar um Batalhão da Polícia Rodoviária

A oficial, que está na Polícia Militar desde 1991, fala da sua chegada em Araraquara e como é comandar mais de 600 policiais que patrulham 5.419 km de rodovias estaduais

O 3º Batalhão de Polícia Militar Rodoviária, sediado em Araraquara, é comandado por uma mulher desde o dia 10 de setembro de 2019. A Tenente Coronel Kátia Regina Firmino Christófaló, que é a primeira mulher a comandar um batalhão da Polícia Rodoviária no Estado de São Paulo, falou da sua vitoriosa carreira militar e dos desafios de comandar mais de 600 policiais, entre homens e mulheres, espalhados em 27 bases operacionais, que estão encarregados de patrulharem 5.419 quilômetros de rodovias que passam por 196 municípios da região Noroeste do Estado.

Falando à RCIA, a comandante Kátia lembrou sua trajetória na Polícia Militar desde o ingresso na Academia do Barro Branco em 1991, até a chegada à penúltima patente da PM (Tenente Coronel) e como é comandar o 3º Batalhão da Polícia Rodoviária.

"Quando era jovem e morava em Botucatu, minha cidade natal, nunca

tinha pensado em um dia ser policial militar. Filha de uma professora e um metalúrgico, eu sonhava em fazer algum curso na área de Ciências Biológicas no campus da Unesp de minha cidade, mas não sabia que curso fazer. Eu lembro que eu tinha uma tia que morava em São Paulo e, para chegar até a casa dela, a gente usava uma linha de ônibus que passava pela Avenida Nove de Julho, onde havia um quartel da Marinha, e eu via aquele pessoal fardado e achava lindo. Pensava que seria bom entrar para a Marinha. Em uma das viagens peguei o endereço e escrevi uma carta para eles perguntando como faria para ingressar na Marinha. Mas eles me responderam que seria somente na área de saúde, como enfermeira, médica ou dentista. Então quando sai do 3º colegial prestei Odonto na USP, em Bauru. Não passei, e hoje agradeço, pois acho que seria uma péssima dentista (rs)... Aí fui fazer

cursinho e, na época, a Academia do Barro Branco enviava alunos para falar sobre a Polícia Militar nas escolas e, como tinha um amigo que já fazia a academia, eu pensei que seria legal prestar, mas nem sabia o que era polícia direito, pois não tinha nenhum policial na minha família. Mas antes perguntei se precisaria cortar o cabelo. Como ele falou que não precisava, me decidi a prestar o concurso para a polícia. Aí fui passando pelas avaliações escritas e físicas até chegar a última fase, quando recebi o resultado positivo. Lembro do meu pai, que é metalúrgico, me perguntar se eu iria entrar para a polícia mesmo, já que tinha saído o resultado de outros vestibulares que eu tinha feito. Entrei na Academia no dia 14 de janeiro de 1991. Eu faço parte da terceira turma de mulheres da Academia do Barro Branco, pois antes as mulheres tinham uma carreira diferente dos homens e só podiam ingressar na polícia como soldado e, depois de chegar à patente de sargento, poderiam prestar um concurso interno para chegar a oficial. Era tudo muito